

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC

CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO

JÉSSICA CARDOSO FERNANDES

ALTERIDADE: BOB MARLEY E A COMUNIDADE DA JAMAICA

CRICIÚMA

2016

JÉSSICA CARDOSO FERNANDES

ALTERIDADE: BOB MARLEY E A COMUNIDADE DA JAMAICA

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Bacharelado no curso de Artes Visuais - da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientador(a): Prof.^a Ms. Katiuscia Angélica Micaela de Oliveira

CRICIÚMA

2016

JÉSSICA CARDOSO FERNANDES

ALTERIDADE: BOB MARLEY E A COMUNIDADE DA JAMAICA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharelado, no Curso de Artes Visuais - da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Arte e Cultura.

Criciúma, 22 de Junho de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Katiúscia Angélica Micaela de Oliveira – Mestre em Ciências da Linguagem –
UNISUL - Orientador

Prof. João Alberto Ramos Batanolli – Mestre em Ciências Ambientais - UNESC

Prof. Alan Figueiredo Cichela - Especialista - UNESC

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que amo, especialmente à meu marido, meu parceiro, a pessoa que mais apoia minhas ideias e causas mais excêntricas; e meu filho lindo que me traz luz e me inspira a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a energia que rege esse universo, essa energia que nos conecta, nos move e nos permite viver.

Gostaria de agradecer a todos os professores da UNESC por quem passei, foi realmente uma honra. Em especial à Prof. Odete Calderan, sendo sempre uma querida pelo qual eu carrego um carinho imenso; e à minha orientadora, Prof. Kátiuscia, que me deu suporte para que eu pudesse concluir esse trabalho.

Agradeço aos meus amigos, familiares e todas as pessoas que ao longo de toda a minha vida e do meu percurso dentro da faculdade estiveram por perto e com certeza contribuíram de alguma forma para meu crescimento pessoal.

Quero agradecer ao meu marido, pela paciência e dedicação. E o Nuno, meu filho, por me fazer lembrar sempre o quão abençoada eu sou, e acreditar que todas as coisas são possíveis.

“Não há nada pior do que aquele que usurpa a arte sem deixar um pedaço de sua alma. A arte é troca. Eu lhe dou todo o meu sangue e volto com um pouco de seu coração”.

C.Tugren

RESUMO

Este trabalho insere-se na linha de pesquisa Arte e Cultura do curso de Artes Visuais- Bacharelado, da UNESC. É uma pesquisa qualitativa, um estudo de caso e de natureza básica. Salientando questões sobre arte, cultura e diversidade cultural, apresenta marcos na história de vida do cantor Bob Marley permeando o caminho da essência de sua produção artística; chegando ao ponto do problema: Como Bob Marley redimiu sua identidade se tornando a personificação da Jamaica e disseminou sua mensagem a fazer parte da cultura internacional? Tomando ideia da proporção que o *reggae* e o movimento rastafári tomaram quando os rumos do *reggae* se firmaram tendo sempre suas falas referenciando a própria cultura, criticando as injustiças do presente e defendendo com orgulho o povo negro. O *reggae* é a narração das experiências passadas de repressão e das esperanças pelo desenvolvimento e desejo de melhorias. Ele ao mesmo tempo que é conservador ao falar das raízes e do passado, fala dessa questão que remete ao futuro, pela libertação da cultura, libertação das ideias e das pessoas. Então a música conta uma certa parte da realidade, preservando o potencial crítico das experiências, mas guardando também um espaço para idealizações de um lugar melhor.

Palavras-chave: Alteridade. Cultura. Diáspora. Movimento Rastafári. *Reggae*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01 - Casa onde Bob Marley viveu em Nine Mile	22
Figura 02 - Álbum <i>The Wailing Wailers</i> 1965/37	23
Figura 03 - Bob Marley em Concerto em 1980	26
Figura 04 - Capa do livro: <i>Holy Piby</i>	27
Figura 05 - Bob Marley com <i>dreads</i> e consumo de ganja	28
Figura 06 - Capa do Álbum <i>Uprising</i>	32
Figura 07 - Juramento de Paz entre Michael Manley e Edward Seaga	37
Figura 08 - Atravessar	41
Figura 09— Atravessar.....	41

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense
PPC	Projeto Pedagógico Curricular
PNP	Partido Nacional do Povo

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 ARTE E CULTURA NO CURSO DE ARTE VISUAIS – UNESC.....	13
3 DIVERSIDADE CULTURAL.....	16
4 ALTERIDADE DE BOB MARLEY COM A COMUNIDADE DA JAMAICA.....	19
5 QUEM FOI BOB MARLE.....	22
6 RELIGIÃO RASTAFARI E BOB MARLEY.....	27
7 BOB MARLEY E A MÚSICA – REGGAE.....	31
8 BOB MARLEY E A POLÍTICA.....	35
9 METODOLOGIA.....	38
10 CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

A música sempre me fascinou. Nas canções, o compositor é levado a aprender diversas maneiras de fazer uma melodia que possa musicar um discurso. A melodia pode engrandecer a significação de uma mensagem, e a maneira como ela pode tocar fundo alguém é impressionante. Ela tem esse poder de transferir a mensagem e se fazer entender, ser e estar ali com aquela melodia, aquelas palavras colocadas exatamente em suas devidas posições, tornando tudo harmonioso. Foi a partir dessa harmonia que me instigou e que eu me entusiasmei para escrever sobre o tema. Outra coisa que também teve bastante significação foi a luta por uma causa social. As causas reais sempre me tocaram, e letras que contém e nos mostrem histórias verdadeiras sempre terão poder. Elas mexem com o ser porque se tratam de dores reais, sentimentos reais, vidas reais que se conectam por sentimentos de empatia.

A presente pesquisa tem como objetivo perceber a alteridade de Bob Marley com a comunidade da Jamaica, entendendo sua poesia profunda e transcendência, podendo assim contribuir para o melhor entendimento do movimento/cultura/religião/filosofia de vida rastafári, movimento esse nascido no peito da África e disseminado pelo mundo através da música *reggae*.

Sendo o 1º capítulo introdutório; no 2º capítulo faço uma reflexão sobre as manifestações artísticas, o ato criador e a essência humana de se perdurar através dos tempos em forma de produções artísticas. Com base no Projeto Pedagógico do Curso- PPC de Artes Visuais da UNESCO, trago a importância do conhecimento da arte para a ampliação da concepção de mundo sob uma dimensão poética e também na construção das relações sociais, das políticas, e dos valores. Através de uma breve composição na interpretação dos fatos no que diz respeito à dimensão social e consequências da diáspora africana.

Em seguida, no 3º capítulo, apresento a Diversidade Cultural. Chegando ao contexto do sistema de representação cultural que influencia nossas vidas, nossas ações e até a maneira como nos vemos. Assim, abordo elementos sobre o que é ter uma identidade cultural e a forma como as nações foram “imaginadas”.

No 4º capítulo, trago a essência da poesia de Bob Marley, a África, o Atlântico, a Jamaica, a Alteridade. O momento em que Marley pôde se reconhecer

na Jamaica, a Jamaica pôde o reconhecer também transparecendo a imagem de seu povo enquanto se construía enquanto ser, reconhecendo a partir da sua transcendência; da exteriorização da sua interioridade, da sua essência.

Dando continuidade, no 5º capítulo, faço uma breve síntese da vida de Bob Marley. Onde nasceu, onde viveu, como agia, como se portava, o que as pessoas pensavam sobre ele, como era sua relação com as pessoas, como ele se vestia, como falava e a relevância da sua contribuição ao disseminar a mensagem rastafári ao mundo.

No 6º capítulo, apresento uma introdução sobre a cultura rastafári, desde sua origem, até seus princípios mais importantes, seus costumes, e o que defendiam. No 7º, faço uma caminhada pela história do reggae. Seguido do 8º, em que abordo o momento em que Bob Marley acabou tendo um envolvimento com política. O 9º capítulo, em que apresento a metodologia do trabalho e o trabalho artístico realizado sobre o tema. E finalizo o trabalho no 10º capítulo com a conclusão.

2. ARTE E CULTURA NO CURSO DE ARTE VISUAIS - UNESC

A manifestação artística tem como características a criação e inovação, que é o processo de sempre modificar e trazer novos elementos para que sustentem e se particularizem em relação ao seu lugar no mundo, percebendo a relevância de questões como: “De onde venho”, “Quem sou”, “Para onde vou...”

Substancialmente, o ato criador, sustenta e movimenta o mundo, respondendo aos seus desafios, num processo contínuo de mudança do homem e da realidade ao seu redor. A essência humana cria sua maneira de existir através de manifestações diversas.

As Artes Visuais, como todas as áreas do conhecimento, apontam para variados caminhos e direções: pesquisas calcadas na interdisciplinaridade e reflexões sobre o fenômeno artístico e os meios expressivos (desenho, pintura, escultura, poéticas digitais, imagens e reprodução, instalações, ações urbanas, performances e outras). Consequentemente, entendemos exposições de arte, curadorias, museus e galerias de arte como instâncias privilegiadas que fazem parte de uma nova abordagem política e cultural não mais restrita apenas aos ateliês, mas, constituídas no seio dos sistemas de produção, circulação e divulgação da produção artística. (PPC, p. 21)

O conhecimento da arte abre um caminho para a ampliação da concepção de mundo na qual a dimensão poética está sempre presente.

A arte de cada cultura exterioriza o modo de compreender, sentir e associar definições e conceitos que conduzem os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte busca servir-se de todos os sentidos como portas de entrada para uma percepção e discernimento consideravelmente maiores das questões sociais.

O ser humano que não conhece arte não vai ter um entendimento claro da poesia, das criações musicais, das cores, das formas, dos gestos, das luzes e de todas as coisas que remetem ao sentido da vida. Entender arte envolve todo movimento do pensar, do sentir, imaginar e intuir.

No curso de Artes Visuais - Bacharelado, esses princípios estão colocados em uma organização curricular que se aprofunda nas inter-relações dos conhecimentos em arte e sobre arte. Além dessas questões, inserimos o estudo da diferença cultural nessa

organização curricular pensando uma educação intercultural crítica no ensino de Arte que está fundamentada nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, Educação Indígena e para as questões ambientais. (PPC, p. 21)

A construção das relações sociais, das políticas, e dos valores, formam um conjunto de manifestações a partir de símbolos de uma determinada cultura. Nas antigas sociedades tradicionais a arte integrava a vida dos grupos humanos, se encontrava nos ritos, nas cerimônias e em objetos de uso cotidiano. É de grande importância conhecer e estudar os elementos provenientes da afrodescendência que se perduram até os dias de hoje; pois trazendo elementos de culturas diferentes, a arte e cultura se renovam também, juntamente e através dos tempos, assim estruturando constantemente o percurso da história.

[...] vários aspectos da afrodescendência que sobreviveram no Brasil e que vão muito além do samba, da capoeira, do carnaval e da religiosidade de matriz africana são bastante explorados. Isto tem grande relevância acadêmica e cultural formativa, pois foram mais de cinco milhões de africanos que foram transportados para o Brasil de forma compulsória e que aqui criaram meios de sobrevivência e formas de inserção social, cultural e política. Nesse sentido, tivemos os jornais da imprensa negra, os intelectuais negros, as organizações políticas e culturais e, recentemente, as conquistas das ações afirmativas e as terras das comunidades remanescentes de quilombos. (PPC, p. 97)

O que diferencia essencialmente a criação artística das outras formas de conhecimento humano é a habilidade de dialogar por entre os seres humanos que a obra de arte possibilita, pelo modo singular das formas de linguagem se tornando um modo de compreensão da realidade.

As temáticas das africanidades e das afrodescendências, diretamente ligadas aos estudos da diáspora africana, cada vez mais ocupam os corações e mentes, primeiramente dos pesquisadores, e hoje de todos os interessados pelo tema. A partir de uma concepção do “Atlântico negro”, proposta pelo sociólogo inglês Paul Gilroy, começou-se a pensar no oceano como uma via de mão dupla que trazia não apenas pessoas e mercadorias mas também concepções de mundo, culturas e pensamentos. É uma outra concepção da construção do conhecimento que passa a dar uma relevância ao que se produziu na outra margem, o continente africano deixa de ser apenas fornecedor de mão de obra para a construção do novo mundo e se

torna também protagonista da nossa história. (PPC, p. 98)

Através de uma breve composição na interpretação dos fatos no que diz respeito à dimensão social e consequências da diáspora africana também conhecida como Diáspora Negra. Diáspora consiste no fenômeno histórico e sociocultural de dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa ou étnica. A diáspora africana ocorreu por causa da escravatura, quando indivíduos africanos eram transportados obrigados para outros países para trabalharem.

O produto criado pelo artista possibilita um meio de comunicação no qual diversos modos de significações e concepções de mundo se misturam através da combinação de determinados elementos daqui e de lá, materializando ideias e sentimentos do artista caracterizando a obra artística como produto institucionalizado da criação, a partir das manifestações artísticas; e o modo como o ser humano sempre organizou e classificou todas as coisas, no sentido real de tentar entender o seu real lugar no universo buscando a significação da vida.

3. DIVERSIDADE CULTURAL

A forma como as comunidades são imaginadas é determinante tanto para seus povos, como para a arte e culturas que são produzidas neste ambiente. A questão é de que maneira o significado de suas origens foram se transformando a longo do tempo.

As nações, sugere Benedict Anderson, não são apenas entidades políticas soberanas, mas "comunidades imaginadas". [...] Onde começam e onde terminam suas fronteiras, quando regionalmente cada uma é cultural e historicamente tão próxima de seus vizinhos e tantos vivem a milhares de quilômetros de "casa"? (HALL, Stuart, 2006, p. 26).

Hall (2006) afirma que a nossa cultura é uma mistura, é manifestamente o resultado do maior entrelaçamento e fusão não só uma mas de várias outras culturas; de diferentes elementos culturais africanos, asiáticos e europeus. Ela é uma verdadeira hibridização de ideias, valores e normas comportamentais. Vários elementos culturais diferentes entrando dentro de uma cultura e passando por um processo de transformação sem fim e um processo que pede à cultura uma revisão de suas normas para a aceitação da diferença. Não é meramente apropriação ou adaptação, é um processo de transição cultural em que a mudança e a diferença acaba se transformando no próprio elemento de origem verdadeiro.

Possuir uma identidade cultural nesse sentido é estar primordialmente em contato com um núcleo imutável e atemporal, ligando ao passado o futuro e o presente numa linha ininterrupta. Esse cordão umbilical é o que chamamos de tradição, cujo teste é o de sua fidelidade às origens, sua presença consciente diante de si mesma, sua "autenticidade". É claro, um mito – com todo o potencial real dos nossos mitos dominantes de moldar nossos imaginários, influenciar nossas ações, conferir significado às nossas vidas e dar sentido à nossa história. (HALL, 2006, p.29)

Ter uma identidade cultural é estar em contato com essa multiplicidade de elementos de diversas origens, costumes e ideais que foram juntados se tornando características de uma nova cultura com novos elementos autênticos de cultura. Essa linha ininterrupta é o inconsciente, a memória, que trazem seus efeitos pra

dentro da linguagem da tradição. Basicamente, entende-se que a identidade cultural seja determinada desde o nascimento como parte da natureza, marcada por entre a linhagem de genes, o parentesco, fazendo parte de um eu mais interior. Deste modo a identidade cultural não seria afetada por algo tão superficial como uma mudança temporária do lugar de moradia. Segundo Hall,

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma "arqueologia". A cultura é uma produção. Tem sua matéria prima, seus recursos, seu "trabalho produtivo". Depende de um conhecimento da tradição enquanto "o mesmo em mutação" e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse "desvio através de seus passados" faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão a nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2006, p. 43).

Qualquer povo que se sentiu obrigado a viver e crescer em alguma civilização mas realmente se sente fora dela, tem um entendimento simbólico sobre sua sociedade. Mas a melhor oportunidade talvez seja se entregar a um processo maior de ter em si o entendimento da semelhança e da diferença e não se ater a modelos fechados de pertencimento cultural. Assim a nação constantemente se reinventa. Quando se precisa da "diferença do outro" para os nossos próprios sistemas de significação e significado.

Ao contrário do que se supõe, os discursos da nação não refletem um estado unificado já alcançado. Seu intuito é forjar ou construir uma forma unificada de identificação a partir das muitas diferenças de classe, gênero, região, religião ou localidade, que na verdade atravessam a nação (Hall, 1992; apud Bhabha, 1990). Para tanto, esses discursos devem incrustar profundamente e enredar o chamado estado "cívico" sem cultura, para formar uma densa trama de significados, tradições e valores culturais que venham a representar a nação. É somente dentro da cultura e da representação que a identificação com esta "comunidade imaginada" pode ser construída. (HALL, 2006, p. 74)

O que se percebe é que a vida das nações é vivida apenas na mente, ou seja, ela tem sido idealizada mas não é algo que já tenha sido conquistado. A ideia

de uma nação onde a camaradagem prevalece na vida em comunidade, e uma forma única de identificação para com todas as diferenças, que atravessam a nação.

Nesses discursos entende-se que não deu certo a ideia de nação, então como se pensaria sobre sua cultura nesta. Ganhando significado através de um sistema de representação cultural, sendo um modo de influenciar nossas ações e a concepção que temos de nós mesmo, se atendo à lógica da formação que o enriquecimento cultural está na sua possibilidade de transformação constante.

A vida individual significativa está sempre incrustada em contextos culturais e é somente dentro destes que suas "escolhas livres" fazem sentido. Do ponto de vista normativo, a integridade da pessoa física não pode ser garantida sem a proteção das experiências compartilhadas intersubjetivamente, bem como dos contextos de vida nos quais a pessoa foi socializada e formou sua identidade. A identidade do indivíduo está entrelaçada as identidades coletivas e pode ser estabilizada apenas em uma rede cultural que, tal como a língua materna, não pode ser apropriada como propriedade privada. Consequentemente, o indivíduo permanece na qualidade de portador de "direitos à participação cultural". (HABERMAS, 1994, p. 77).

Esse contexto do sistema de representação cultural influencia nossas vidas, nossas ações e até a maneira como nos vemos. A tal liberdade e as "escolhas livres" são limitadas a um território e só dentro deles elas fazem sentido. A identidade do sujeito não pode ser desassociada das identidades coletivas, tais como o ambiente em que a pessoa cresceu e formou sua identidade. Ele fica como se tivesse apenas o direito à participação cultural, não podendo tomar como privados os elementos culturais de meio comum. A questão está no centro da noção de individualidade. O direito de viver a própria vida com autonomia e liberdade de buscar seu próprio entendimento das coisas está garantido, desde que isso seja feito no domínio privado.

4. ALTERIDADE DE BOB MARLEY COM A COMUNIDADE DA JAMAICA

Do século XVII ao século XVIII acontecia uma das mais terríveis diásporas da história, o comércio de escravos, que desabrigou milhões de africanos negros, espalhando eles pelo Caribe, Estados Unidos e América Latina, onde foram submetidos à desculturalização.

“As crianças dessa diáspora lutam por um lugar na sociedade até hoje. Pior ainda, lutam por sua identidade, extraviada quando os navios negreiros faziam a travessia do Atlântico para o Novo Mundo.” (CARDOSO apud Michael Manley, 2011, p. 24).

Não era um povo sendo oprimido dentro do seu território, não havia mais uma terra para lutar. O escravo não tinha um território a ser recuperado porque eles foram arrancados de suas terras e de suas tribos. A única coisa que não poderia ser arrancada era sua humanidade.

Velhos piratas, sim, eles me roubaram, me venderam para navios mercantes minutos depois de eles terem me tirado do poço sem fundo. Mas minha mão foi fortalecida pela mão do Todo-Poderoso. Nós avançamos nessa geração triunfantemente. (MARLEY, 2016)^a.

Nessa canção mostra-se evidente o anseio de Bob Marley por uma revolução; em meio à emoção, o clamor “Você não vai me ajudar a cantar estas canções de liberdade?” ele repete e repete, realmente alguém precisa entender essas palavras. Sim, pois “eles me roubaram” e isso já seria o bastante. Então ele implora para que as pessoas libertem suas mentes, libertem-se da escravidão mental e que ninguém além de nós mesmos podemos fazer isso. Ele estava se entregando ao máximo, ele queria salvar as pessoas, e por isso ele dizia “Me ajude a cantar essas canções de liberdade, pois tudo que eu sempre tenho são canções de redenção”.

Dividir e reinar só poderia nos separar; no peito de todos os homens bate um coração; então logo vamos descobrir quem são os verdadeiros revolucionários. E eu não quero que o meu povo seja enganado por mercenários (MARLEY, 2016)^b.

O que Marley fez foi mergulhar de cabeça nessa luta. Ele usou de todas as armas para seu povo superar os desafios e se reinventar. E ele mergulhou tão profundamente e com tanta convicção que ele acabou por se reinventar. Emergiu como símbolo e personificação do povo.

“A menor retomada da atenção me convence que esse outro que me invade é todo feito de minha substância: suas cores, sua dor, seu mundo, precisamente enquanto seus.” (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 22).

Ou seja, seu mundo privado deixou de ser apenas dele, que não constitui mais um todo, tendo suas verdades baseadas nas verdades do outro. A verdade em questão serve como base para a certeza convicta de um mundo mensurável a todos.

O mundo não pode apresentar-se a não ser oferecendo-lhe um sentido, a não ser sob a forma de pensamento do mundo. O segredo do mundo que procuramos é preciso, necessariamente, que esteja contido em meu contato com ele. De tudo o que vivo, enquanto o vivo, tenho diante de mim o sentido, sem o que não o viveria e não posso procurar nenhuma luz concernente ao mundo a não ser interrogando, explicando minha frequência do mundo, compreendendo-a de dentro. (MERLEAU-PONTY, 2000, p. 41)

Marley tinha ideais, e sua relação com o mundo o fez gritar. Ele defendeu seus ideais e mostrou seu pensamento. Havia uma relação de intrusão do mundo nele ou dele no mundo, mas de uma forma profunda. Era uma longa viagem de seus olhos por entre as coisas do mundo. Ele se mostrou de dentro e foi visto em sua forma verdadeira.

O *diferente* é o *outro*, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o *que* eu sou e nem todos são *como* eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo, civilizado e índio... O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza. É preciso domá-lo e, depois, é preciso domar no espírito do dominador o seu fantasma: traduzi-lo, explicá-lo, ou seja, reduzi-lo, enquanto realidade viva, ao poder da realidade eficaz dos símbolos e valores de quem pode dizer quem são as pessoas e o que valem, umas diante das outras, umas através das outras. Por isso o *outro* deve ser compreendido de algum modo, e os ansiosos, filósofos e cientistas dos assuntos do homem, sua vida e sua cultura, que cuidem disso. O outro sugere ser decifrado, para que lados mais difíceis de *meu eu*, do *meu mundo*, de *minha cultura* sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde

eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu. (BRANDÃO, 1986, p. 7).

Ou seja, de tudo aquilo que não provinha dele, havia a possibilidade da existência do outro e do seu entendimento como parte de si. Esse vínculo estava baseado na perspectiva ontológica da sua relação com o outro. A autenticação da diferença se dá quando a partir do contato com o outro, se assegure que diante de dele esteja um outro ser igualmente seu, não uma coisa qualquer, mas uma coisa tão importante quanto ele próprio. É algo ao mesmo tempo idêntico e diferente dele. Não existe o nós, existe uma consciência de que o outro possui algo de sua essência e, onde é possível se perceber isso na relação entre ele e as coisas. Uma relação de interioridade consigo mesmo é o que possibilita a compreensão de estar um no outro e de sentir o que o outro sente, saindo do centro de si e permitindo-se transcender; reconhecendo que seu mundo também é o dele, e que suas concepções estão interligadas.

O que não posso ver de mim mesmo, porque adiro ao visível que sou, o outro, por sua situação no meio dos visíveis, pode vê-lo. Mas não podemos confundir o visível com a camada superficial do ser. Como sabemos, o visível estende-se em profundidade, de sorte que aquilo que se nos oferece é apenas a cifra de uma transcendência. Assim, o que o outro vê de seu lugar não é apenas a película superficial de minha pele, mas uma interioridade inesgotável que aí se expressa e exterioriza, sendo possível aos corpos enlaçados um ao outro (um corpo em geral visível-vidente) fazerem seu exterior seu interior, e seu interior seu exterior. (PEREIRA apud Lefevre, 1976, p. 290-1).

Marley pôde se reconhecer na Jamaica, a Jamaica pôde o reconhecer também. Porque são uma só coisa. Ele transparece a imagem de seu povo de forma clara, simples e autêntica. Pois sua essência provinha dessa terra, que o compunha, que o permeava, que o construía enquanto ser. Não tem como pensar em Jamaica e não pensar em Bob Marley, e vice versa. Isso é reconhecido a partir da sua transcendência; da exteriorização da sua interioridade, da sua essência.

5. QUEM FOI BOB MARLEY

“A primeira coisa que você precisa saber a meu respeito é que sempre defendo aquilo que defendo”. (MARLEY, 2013, p. 39).

Robert Nesta Marley nasceu no dia 6 de fevereiro de 1945 em Nine Mile, norte da Jamaica, onde passou a infância com a mãe, Cedella Malcolm Marley, jamaicana negra, e o pouco contato que teve com seu pai, Norval Sinclair Marley, inglês branco e capitão do exército britânico; onde levavam uma vida humilde. Aos nove anos se mudou com a família para Kingston, Capital da Jamaica, encarando um cenário de miséria e revolta. A figura 01 mostra a casa em que Bob Marley viveu em Nine Mile.

Figura 01: Casa onde Bob Marley viveu em Nine Mile.



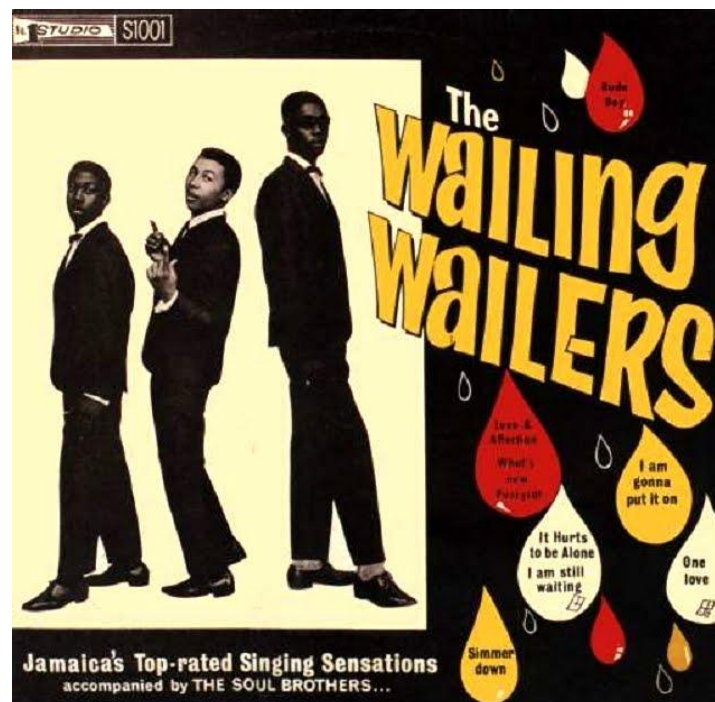
Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bob_Marley_house_in_Nine_Mile.jpg

Um modelo tradicional da cultura popular jamaicana é a utilização de provérbios na linguagem coloquial. Desde muito novo, mesmo sem nenhuma alfabetização, Marley impressionava as pessoas mais velhas com sua habilidade e fineza com a palavras e o modo como utilizava sabiamente os provérbios.

Eu era bem jovem, quando tive um sonho, uma visão. Surgiu um homem alto, vestido num uniforme cáqui, entregou-me um anel, dizendo: “é tudo que eu tenho para lhe dar”. Entendi aquilo como uma benção e uma força estranha apoderou-se de mim, me compelindo a escrever e cantar, sempre. [...]Eu tinha certeza absoluta de que minha mensagem cobriria o mundo. (CARDOSO apud Marley, 2011, p. 137).

Em 1962, aos dezessete anos fez suas primeiras gravações (Figura 02). Em 1971, a carreira de Bob deslancha. Ele assinou um contrato com a Island Records, e expandiu o reggae e as vibrações rastas pelo mundo. Bob se emergiu de uma dedicação interminável ao propagar sua mensagem profética em suas músicas. Para alguns, Bob Marley é visto como Redentor, que retorna para afastar o mundo da confusão, para outros suas verdades proféticas mudam vidas e servem como fonte de inspiração. Há também quem acredite que ele seja a reencarnação de Jesus Cristo. É realmente uma figura tida como um ícone por representar tantas questões dentre política, religião e cultura. O que ele fez foi conseguir captar o sofrimento e a opressão e transformou o seu conhecimento em palavras de verdade universal.

Figura 02: Álbum *The Wailing Wailers* 1965.



Fonte: <https://reggaediscography.blogspot.com.br/2009/10/bob-marley-discography.html>

“De seu legado, um povo que voltou a enxergar a liberdade. Suas palavras, sementes que germinaram pelo mundo todo, gerando novas sementes, sendo replantadas e dando brotos. Uma herança infinita, como sua luz.” (CARDOSO, 2011, p. 43)

Segundo Chris Salewicz (2014), hoje, o nome e a imagem de Bob Marley estão no mundo inteiro, como a personificação do pensamento consciente e da consideração pelos outros companheiros humanos. Levando em conta que era uma pessoa com uma maneira própria de usar as palavras, e expressava com muita clareza seus sentimentos e pensamentos que iam além do raciocínio comum.

“Nós nascemos com algumas coisas e adquirimos outras. Mas alguém como Bob Marley certamente nasceu com aquilo... e era algo que florescia de dentro”. (BURNETT, 2014, p. 30).

O que se percebe é que Marley transpirava por todo o seu corpo os sentidos apreendidos à palavra predestinado; sempre humilde Marley deixava boas vibrações por onde passava. Na música *Positive Vibration*° Marley fala sobre essa maneira de ser no mundo, ele fala sobre “criação do homem interior”, de como deve estar tudo voltado para a positividade, de como um rasta sempre tem de ter vibrações positivas, e que essas vibrações significam a unidade de Deus com a humanidade. Predestinado quer dizer eleito de Deus, ou seja, o bem-aventurado que se tornou digno de respeito por todas as suas contribuições em prol da paz.

“Tudo que sempre tive foram canções e redenção” (CARDOSO, 2011, p. 22 apud Bob Marley).

Com letras fortes que mostravam outras possibilidades para as realidades sociais, de suas músicas abstraíam-se principalmente a defesa das classes pobres e negras, sempre trazendo a fé e certeza de mudanças; as letras falam de libertação, força, e que não se deve ter medo.

Marley tinha uma forma de se referir a si mesmo e aos outros como “eu e eu” ao invés de “nós”. É usada para salientar a igualdade entre todos as pessoas, como explana a baixo em entrevista à Fikisha Cumbo (1975):

Eu? Porque você, ele, eles não significam nada. Eu, eu, eu o que significa na verdade é o mesmo eu que você conhece. O mesmo eu em eu, em eu, e em eu. Esse é o princípio da unidade. Quando se usa eu, a gente remove o resto... Não é nós, eles e aqueles. Todo mundo é eu. É

mais fácil entender que o eu contido no eu é o eu contido no outro eu. (CARDOSO, 2011, p. 50 apud Bob Marley)

O pai de Cedella, Omeriah Malcolm, (avô materno de Marley) era um feiticeiro, curandeiro, uma espécie de bruxo com o poder de afastar o mal emitido por almas penadas; por vezes disse que o neto era um predestinado.

“Não foi o nome que fez a pessoa. Ele era uma pessoa antes do nome, uma pessoa forte. Você jamais diria: “Quem é aquele ali”, porque você sentia que aquele cara ali era forte. Ele tinha essa energia.” (NELSON, Patrick, 2012).

Qualquer um que se aproximasse de Marley sentia que havia algo de espiritual nele, algo místico e profundo.

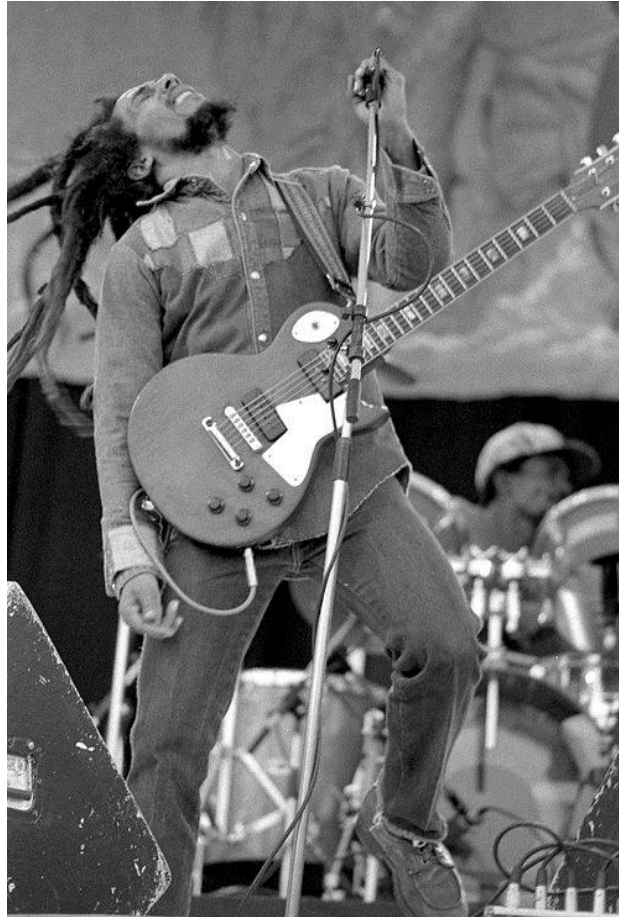
Ele sempre levava consigo um amuleto, que segundo se conta teria sido feito com partes do anel de Salomão. O anel herdado por Hailé Selassié, o então rei da Etiópia, foi deixado a seu filho Asfa Wossen, que julgou prudente passá-lo para Marley.

Até 1966 a música de Marley se baseava em relatar o estilo de vida na Jamaica, e só a partir do momento em que conhece Mortimo Planno, o maior líder espiritual rastafári, que sua música começa a se transformar e iniciar sua caminhada disseminando a mensagem rastafári.

Marley tinha uma maneira peculiar de ser, de se vestir, de se portar, de dançar; e mais que dançar, Marley expressava com o corpo os sentimentos que o invadiam ao ouvir o som e sentir as energias positivas emanadas. Ele realmente se entregava à essa dança que envolvia sentimento, energia e emoção (Figura 03). Seu porte físico era de um homem magro, porém forte e sempre muito disposto. Em suas vestimentas era notável o amor e respeito às cores vermelho, amarelo e verde, cores da bandeira da Etiópia, que simbolizam a unidade da África e dos africanos e seus descendentes espalhados pelo mundo, e conseqüentemente se tornaram as cores simbólicas do movimento rastafári. As cores simbolizam valores materiais e espirituais. A cor vermelha, representa o sangue derramado durante a escravidão. A cor amarela representa a abundância de minérios presentes na Etiópia. O verde representa a natureza, e toda a vegetação da África, sendo fonte de vida e prosperidade, representando também a esperança. Uma de suas características marcantes também eram seus *dreadlocks*, as trancinhas de cabelo emaranhado típico de um rasta não passavam despercebidas. Marley fazia questão de jogá-los

de um lado para o outro, principalmente ao encenar sua dança ritual enquanto estava ao palco.

Figura 03: Bob Marley em Concerto em 1980.



Fonte: <https://reggaediscography.blogspot.com.br/2009/10/bob-marley-discography.html>

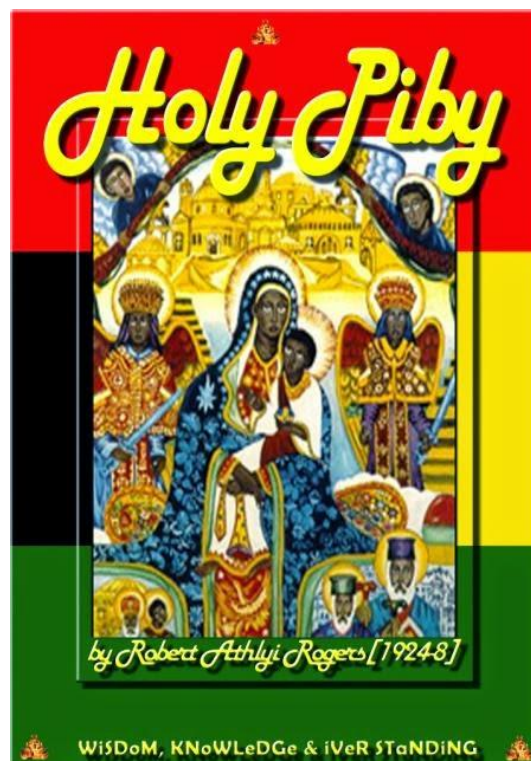
Um mês antes de sua morte, Bob Marley foi condecorado com a Ordem do Mérito da Jamaica, uma das maiores honras nacionais, em reconhecimento por sua contribuição à cultura local.

Hoje Marley é como uma referência cultural do povo, que o reverência como um herói e segue o alvor de seu legado musical. Em seu percurso compôs a música *Zimbabwe*, que logo se tornou um hino nacional da Jamaica, e que Marley tocou na cerimônia de independência.

6. RELIGIÃO RASTAFARI E BOB MARLEY

Por volta de 1920 Holy Piby (Figura 04), a chamada Bíblia Negra começa a circular secretamente entre operários e trabalhadores rurais. Ela seria um tradução da verdadeira Bíblia, que foi escrita em aramaico. Os seguidores da Bíblia negra passaram a serem perseguidos por pastores das crenças oficiais da Jamaica, com receio eles se refugiaram nos campos e nas montanhas. Daqui partem as raízes mais antigas do que ainda seria rastafarianismo, também dito rasta. A partir da leitura da Bíblia eles tinham uma noção de Deus como uma divindade negra (Jah), e acreditavam que o paraíso é o triunfo da raça, o inferno seria a própria Jamaica e o mundo adjacente, a Babilônia. Babilônia é o nome que os rastafáris usam para chamar o sistema, o mundo capitalista dominado pelos brancos, onde prevalece a desigualdade e negros e pobres lutam pela sobrevivência.

Figura 04: Capa do livro: *Holy Piby*.



Fonte: <http://www.reggaedovale.com.br/2014/05/the-holy-piby-um-texto-rastafari-escrito-por-robert-athlyi-rogers.html#.V3ptc6Jc46q>

Em 1930 quando Ras Tafari Makonnen foi coroado o rei da Etiópia sob o nome de Hailé Selassié com o título de Rei dos Reis, alguns líderes que acreditavam na Holy Piby declararam que não deviam mais satisfação ao rei inglês e que a partir de agora a vida de todos estaria nas mãos de Ras Tafari e seguiriam apenas os princípios baseados na Bíblia Negra. Selassié foi o primeiro imperador negro a governar um país africano. Seu reino se deu na Etiópia entre 1930 e 1974 e ele é considerado a manifestação de Jesus, a reencarnação de Jah. De acordo com os preceitos rasta, ele deve conduzir os eleitos à criação de um mundo perfeito, Zion, paraíso dos rastas e para chegar lá seus adeptos desprezam a sociedade capitalista moderna, chamada por eles de Babilônia, vista como corrupta e impura.

Os princípios mais importantes são: alimentação vegetariana, abstinência de bebidas, consumo de ganja, ou cânhamo da Índia, para fins de meditação ritual, proibição de cortes ou penteado dos cabelos (Figura 04). Para eles, os *dreadlocks* significam a conexão com o natural. Deixando com que os fios cresçam e se formem sem que haja interferência no seu desenvolvimento eles mantêm suas raízes e sua história, preservando assim a sua essência, pois acreditam que o corpo é um templo que ninguém pode modificar. Segundo os rastas, os *dread* servem de fontes de energia vital, é onde está sua força e seu brilho.

Figura 05: Bob Marley com *dreads* e consumo de ganja.



Fonte:

https://www.google.com.br/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwj2hPjs_tnNAhVCjJAKHRW1DFUQjxwIAw&url=http%3A%2F%2Fmusica.uol.com.br%2Fultnot%2F2011%2F05%2F11%2F30-anos-sem-bob-marley-como-surgiu-e-onde-estao-hoje-as-bandeiras-levantadas-pelo-musico.jhtm&bvm=bv.126130881,d.Y2I&psig=AFQjCNEf8-i9HizM8oIZOCW5-gOLoGqv8A&ust=1467727924587798&cad=rja

Quanto mais Marley se aprofundava no rastafarianismo, mais ele ficava envolto em uma espessa nuvem de fumaça. Para os rastas, a ganja, como é popularizada a maconha, é sagrada, de forma que quanto mais se avança na crença, menos tempo é possível permanecer sem estar sob o efeito dela, pois Jah se dedica à consciência do homem acima de tudo. Por isso a naturalidade a qual Marley aparecia posando com cigarro de maconha em diversas fotos, mesmo ela sendo proibida em praticamente todo mundo. Cardoso apud Marley (2011) a defendia com todo vigor afirmando que “o rum destrói as entranhas e mata como o sistema”. Ao contrário da erva, que a cada vez que é fumada, a consciência se mostra à frente dos olhos. Esse era Bob Marley, ele mesmo, sem ser mascarado por padrões de comportamento impostos aos artistas, e que havia ganhado respeito mundial o bastante para poder continuar lutando por suas convicções.

Podemos dizer, um misto de religião e atitude pública. Hoje é mais uma filosofia de vida do que uma religião. Um movimento honroso, que não cala o oprimido, onde os fracos lutam por uma reconstrução e reinventam seus destinos desenraizando de si mesmo o sentimento de sofrimento e desigualdade.

Para um estudioso de História, o rastafarianismo é uma grosseira distorção de fatos conhecidos e provados. Para um místico, é uma crença simplória e até desesperada. Para um militante, é uma inexplicável injunção do além em movimentos de massa. (CARDOSO, 2011, p. 15).

Babilônia é o nome que os rastafáris usam para denominar o mundo capitalista dominado pelos brancos, onde prevalece a desigualdade e negros e pobres lutam pela sobrevivência.

A religião rastafári prega principalmente a revolta da raça negra dominada pelos brancos e um estilo de vida naturalista diferente das regras da babilônia capitalista.

Negro é o nome que eles usam para bloquear seu eu. Bloqueia a si mesmo. Mesmo assim eu tomo a palavra negro e luto por ela, e a levo adiante e passo com ela[...] “Negro” tem um significado muito diferente, mas quando se ouve rasta, só se recebe um tipo de vibração. (CARDOSO apud Marley, 2011, p. 85).

“Quando você vive o rastafarianismo, tudo precisa se voltar para a paz e o amor. Para a união e solidariedade: a virtude.” (MARLEY, 2013, p. 35).

Quer dizer que para ser um rasta, todas as coisas ao seu redor devem estar voltadas para a positividade; cada gesto, cada palavra, cada pensamento e cada sentimento transmitido; um rasta sempre tem de ter vibrações positivas e deve passar somente coisas boas ao próximo, se baseando no respeito, na fraternidade, e vivendo a vida com paz e amor. Bob Marley, além de sua capacidade de tornar visível os problemas que o continente enfrentava de forma universal, expressava espiritualidade e defendia as causas de igualdade social, liberdade, respeito, união, paz, e amor universal nas suas músicas, fazendo com que o movimento rastafári se disseminasse por todo o mundo.

7. BOB MARLEY E A MÚSICA – REGGAE

O *reggae* surgiu evoluindo de uma forma folclórica chamada mento, que foi feito baseado no ritmo das músicas de trabalho que ajudavam os escravos a através das longas horas fazendo esforços absurdos com uma picareta. Adquirindo uma nova forma com um ritmo mais complexo, deu origem ao que passa a ser chamado Ska. Se desenvolvendo em meio às influências de uma nova realidade social e política, e todas as tensões à cerca das desigualdades, o Ska se transforma em rock steady e com a pressão social aumentando cada vez mais na ruas, o rock steady se ligava ao movimento; que puxavam pelo lado da raiz africana, e ressaltavam nos sons a repetição rítmica, principalmente na utilização da percussão; nascendo então o reggae. Com o rastafarismo ganhando grande força na sociedade urbana e independente da Jamaica, não demorou para que fizesse do reggae sua manifestação pública, e de maneira intrínseca. A partir daí o reggae está completamente entrelaçado com as causas que dizem respeito às realidades e conflitos entre os oprimidos e os opressores.

A mensagem é de viver. O que é bom deve cobrir o mundo, assim como a água cobre o oceano. Não passamos de crianças à face da terra mas a nossa mente está muito perturbada. Ninguém ensina os outros o verdadeiro modo de vida. (CARDOSO, 2011, p. 67 apud Bob Marley)

Em 1964 Marley cria uma banda com os amigos Bunny Livingstone, na percussão, Peter Tosh na guitarra, os irmãos Carly Barret na bateria, Aston Barret, no baixo, e mais duas garotas que faziam acompanhamento vocal, a banda é batizada de Wailing Wailers. Suas canções já vinham trazendo um tom profético.

Dez anos depois os Wailers mudam a formação, saindo Peter Tosh, que segue carreira solo, e Bunny Livingstone, que se tornou fazendeiro na Jamaica. Entram novos músicos e um coral formado por Rita, esposa de Marley desde 1966, Judy Mowat e Marcia Griffiths, a partir daí a banda passa a se chamar Bob Marley & The Wailers, conhecida como a maior banda de reggae de todos os tempos.

O álbum *Natty Dread*, com a nova formação, ganha sucesso na Babilônia. Seguido do LP *Rastaman Vibration*, que consolida as vibrações rasta pelo mundo. Em maio de 1980, foi lançado *Uprising* (Figura 05), sucesso instantâneo no mundo

inteiro com hits como *Could You Be Loved* e a comovente faixa de encerramento *Redemption Song*. Bob Marley & The Wailers eram a banda em turnê e mais importante daquele ano e o álbum *Uprising*, com letras ainda mais profundas refletindo a emoção dos últimos dias de Marley, conseguiu chegar ao topo das paradas de sucesso na Europa.

Figura 06: Capa do Álbum *Uprising*.



Fonte: <https://reggaediscography.blogspot.com.br/2009/10/bob-marley-discography.html>

Marley lidava com sua música como meio de disseminação da mensagem rasta pelo mundo. Para ele era muito mais que diversão, havia uma conexão espiritual. Ele criou hinos internacionais de união e justiça, fazendo com que as pessoas recebessem e se conectassem com a mensagem passada através da música. Na música *War*^d, Marley transforma em música palavras de Hailé Selassié, imperador da Etiópia. “Até que a filosofia que sustenta uma raça superior e outra inferior seja finalmente e permanentemente desacreditada e abandonada haverá guerra, eu digo guerra.”

Sem dúvida o que ele mais queria é que cada vez mais um número maior de pessoas conhecessem a cultura rasta, que se identificassem e até que abraçassem a causa, ele faria qualquer coisa para que as pessoas pudessem ouvir essas verdades.

Segundo Cardoso (2011), as ligações entre o *reggae* e o movimento (religioso, filosófico, político) rastafári são profundas, amplas e complexas. Ambos representam um dos mais notáveis esforços humanos de reconstrução; a reconstrução da dignidade, do destino e da cultura de um povo. O autor salienta que para quem está de fora, o *reggae* pode parecer belo e misterioso, e o rastafarianismo, ingênuo, isso porque ambos são fruto de séculos de experiência vivida, sofrida; algo que não se empresta nem se divide. Ambos são gestos de fé e, embora toda a razão do mundo possa debater e condenar o objeto da fé, sua mais íntima natureza permanece secreta e maravilhosa no coração dos homens.

Embora o *reggae* ingenuamente pareça um som calmo, ele está fortemente atrelado a uma causa de luta e revolução. Ele se relaciona com as condições do ambiente, com as dores e raízes do povo. A música influencia as pessoas, ela diz para o povo o que eles têm que fazer e de que modo, porque eles não sabem como reagir com lutas e pressões todos os dias.

De todas as manifestações, o *reggae* é a mais explicitamente revolucionária. É satírico e por vezes cruel, porém as letras também não hesitam ao tratar de temas como o amor, lealdade, esperança, ideais, justiça, novas coisas e novas formas. É essa afirmação de possibilidades revolucionárias que põe o *reggae* numa categoria à parte. (CARDOSO, 2011, p. 25).

Bob Marley disse que a música pode levar você a qualquer lugar. E então você pode escolher para onde você quer ir, se quer ir para um caminho bom, ou se quer ir por caminhos estranhos. Como afirmou Merleau-Ponty (1960) a linguagem estabelece a mediação entre o eu e o outro e sedimenta os significados que constituem uma cultura. A maior parte da obra de Bob Marley pode se dizer que é a própria linguagem da revolução e da mudança. Em suas composições usava a caneta, que envolta às suas palavras, tinha a força de uma espada. E Marley diz: “Não podemos ter preconceitos, precisamos cortar a negatividade completamente e deixar o amor florescer e isso irá permear a cultura”. (MARLEY, 2016).

Cardoso (2011) menciona o quanto o *reggae* o influenciou profundamente, fornecendo os elementos de compreensão emocional e que após ter escutado Marley e sua “escola de protesto do *reggae*”, reforçou sua fé na luta por mudanças. Entre outras coisas, o autor cita o *reggae* como um som espontâneo de

um impulso revolucionário local, mas que porém a própria revolução é uma categoria universal.

No Brasil, no dia 11 de maio de 2012, a Presidenta da República Dilma Rousseff decretou e sancionou a lei em que ficou instituído o dia 11 de maio como o Dia Nacional do *reggae*, data criada em homenagem ao ritmo musical difundido mundialmente por Robert Nesta Marley.

Pode se ter ideia da proporção que o *reggae* e todo o movimento atrelado a ele tomaram quando os rumos do *reggae* se firmaram tendo sempre suas falas referenciando a própria cultura, criticando as injustiças do presente. O artista desafia as coisas como são, para manifestar como elas realmente poderiam ser, segundo um modo peculiar de significar o mundo visto de um ângulo particular. O *reggae* é a narração das experiências passadas de repressão e das esperanças pelo desenvolvimento e desejo de melhorias. Ele ao mesmo tempo que é conservador ao falar das raízes e do passado, fala dessa questão que remete ao futuro, pela libertação da cultura, libertação das ideias e das pessoas. Então a música conta uma certa parte da realidade, preservando o potencial crítico das experiências, mas guarda um espaço para idealizações de um lugar melhor.

8. BOB MARLEY E A POLÍTICA

No final da década de 1950, Marley vivenciou uma era de grande agitação política à medida que os grupos sociais médios e proletarizados jamaicanos começavam a querer assumir um papel nas decisões acerca do destino da ilha. O país estava cheio de contraposições como desemprego, falta de moradia, e condições de trabalho precárias, que não condiziam com as expectativas da população após a independência.

Decorrendo da situação política jamaicana, Marley passa a produzir suas obras musicais sob à emergência de um movimento pela salvação e ânsia de tempos melhores para o povo da Jamaica. Deixando isso claro em diversas canções, tornando evidente como está representado o contexto social e histórico de diversos aspectos da sociedade jamaicana como a pobreza, o racismo, os conflitos; enfatizado pelos princípios do rastafarianismo, sempre colocando elementos da vida e cotidiano de forma real, como anuncia na música *Get Up, Stand Up*^e quando determina que você levante, resista e lute pelos seus direitos. Ainda assim, carregava elementos de uma perspectiva que trazia esperança de mudança através das ações dos homens. Em *Three Little Birds*^f Marley apenas diz para que não se preocupe com nada, pois cada pequena coisa vai ficar bem. Sua fé inabalável se traduzia em canções de sentimento e emoção, melodias puras e verdadeiras, e Marley afirmando “Esta é a minha mensagem para você”.

Marley foi consagrado o rei do *reggae*, e por volta de 1975, quando conseguia maior sucesso crítico e com os seus discos nos Estados Unidos e na Europa, onde todos os jovens estavam fascinados pelo impacto étnico-político de suas canções, foi proclamado importante influência musical e sociopolítica.

Para os políticos, Marley pregava ideias revolucionárias demais para se adequar aos modelos de qualquer um dos partidos que ficavam no poder na Jamaica, mas o seu apoio garantiria vitória nas eleições presidenciais. Ele estava no centro das atenções, suas letras tocavam cada vez mais intimamente as feridas abertas da sociedade jamaicana, como na música *Jamming*: “Não podemos ser vendidos ou comprados. Todos nós defenderemos os direitos que as crianças tem de se unirem pois a vida vale muito mais que o ouro.” (MARLEY, 2006)^g.

Em 1976 depois de Marley ter concordado fazer um show com o nome Sorry Jamaica, para o Partido Nacional do Povo- PNP, ele teve um pesadelo, que

logo se tornaria realidade. Dois dias antes do show sua casa foi invadida por homens armados. Marley estava na cozinha e Don Taylor, seu empresário, vinha entrando, caminhando em sua direção quando foi acertado por balas que lhe perfuraram a parte posterior das pernas e foi arremessado para frente com o impacto. Graças a sua proximidade casual com Marley naquele momento, seu corpo serviu de escudo e salvou a vida de Bob Marley. Rita, sua esposa, foi baleada por um homem que estava no pátio quando corria com os filhos para protegê-los. A bala atingiu sua cabeça, entre o couro cabeludo e o crânio. Um dos bandidos apontou a arma para a sala de ensaios e se pôs a disparar, enquanto o outro se encontrava na copa com o rifle erguido na direção de Marley. O pistoleiro disparou oito tiros. Um atingindo um armário, um outro no teto, Cinco atingiram Don Taylor e a última bala atravessou o peito de Marley, abaixo do coração e saiu pelo braço. O ambiente era de terror. Milagrosamente ninguém morreu nesse episódio. Os bandidos nunca foram encontrados; alguns diziam que tinha a ver com política, alguns diziam que tinha a ver com amigos que andavam com ele, o que se sabe é que havia alguém que não queria que Marley se apresentasse no concerto dias depois. Mas o atentado parece que só fez crescer sua fé rasta e seu desejo de continuar lutando. Mesmo ferido Marley fez o show na Arena de Kingston, e em poucas palavras saudou cerca de 80.000 pessoas que estavam o escutando vivamente, dizendo “Quando decidimos fazer este concerto de hoje à noite, há alguns meses, disseram-me que não haveria política. Eu só queria tocar por amor ao povo.” (MARLEY, 2013, p.133). Rita Marley inesperadamente compareceu ao show, de roupão e casaco, como quem sai às pressas; além de um lenço por cima das ataduras da cabeça. O show foi um sucesso e o candidato ao qual Marley fazia o show em apoio venceu as eleições.

Marley foi consagrado símbolo da cultura Jamaicana quando em 1978 acontece em Kingston o One Peace Love Concert em que Marley conseguiu unir duas facções opostas. Neste concerto, Marley chamou ao palco o então primeiro-ministro jamaicano, Michael Manley, líder do partido PNP, e Edward Seaga, líder do partido da oposição, para que dessem as mãos e fizessem um juramento de paz (Imagem 06). As cerca de 80 mil pessoas que assistiam ao concerto foram à loucura.

Figura 07: Juramento de Paz entre Michael Manley e Edward Seaga.



Fonte: <http://www.bobmarley.com/history/>

9. METODOLOGIA

Com o intuito de pesquisar, descobrir, e poder nortear futuros pesquisadores no tema apresento esta pesquisa científica sobre Arte, cultura e diversidade cultural como trabalho da disciplina de Projeto de Pesquisa em Arte, onde é imprescindível buscar novos conhecimentos e ideias para realizar uma pesquisa sólida e ao mesmo tempo singular.

É a pesquisa que alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade do mundo. Portanto, embora seja uma prática teórica, a pesquisa vincula pensamento e ação. Ou seja, nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática. As questões da investigação estão, portanto, relacionadas a interesses e circunstâncias socialmente condicionadas. São frutos de determinada inserção no real, nele encontrando suas razões e seus objetivos. (MINAYO, 2004, p. 17).

A pesquisa está amparada à questões, como: O que é diversidade cultural? Como Bob Marley redimiou sua identidade e atravessou a fronteira de um país para fazer parte da cultura internacional? Como o reggae se tornou explicitamente político?

A proposta inserida na pesquisa tem como problema a ser desenvolvido: Como Bob Marley redimiou sua identidade se tornando a personificação da Jamaica e disseminou sua mensagem a fazer parte da cultura internacional?

Ao passo que se busca sobre diversidade cultural, Rey (2002) aponta a arte como algo que possa ultrapassar as fronteiras, ela não tem regras universalizadas que estabeleçam uma conduta; isso requer que o artista invente seu próprio modo de criar uma obra, podendo assim colocar em prática uma infinidade de técnicas e conhecimentos que se apresentam no processo de criação produtivo para a pesquisa e investigação.

“Para o artista, a obra é, ao mesmo tempo, um ‘processo de formação’ e um processo no sentido de processamento, de formação de significado (REY, 2002, p 126).

Acreditando que a essência da produção artística está ligada principalmente à prática, sendo produto das relações sociais e reflexo de uma visão particular do mundo, trago como base ao esclarecimento do problema, as questões

norteadoras: O que é diversidade cultural? Quem foi Bob Marley? Como Bob Marley redimiu sua identidade e atravessou a fronteira de um país para fazer parte da cultura internacional? Como o reggae se tornou explicitamente político?

Seguido dos objetivos, geral: Perceber a alteridade entre Bob Marley e a comunidade da Jamaica, entendendo sua poesia profunda e transcendência; e específicos: Analisar como podemos idealizar a relação entre Bob Marley e a cultura rastafari; averiguar como ele veio a se tornar a própria identidade do seu povo; perceber de que maneira sua música influenciou a cultura internacional; investigar o que é possuir uma identidade cultural e suas influências; desenvolver um trabalho artístico com base na diversidade cultural.

É uma pesquisa qualitativa, considerando que há uma relação entre o mundo real e o sujeito, e não requer o uso de métodos e estatísticas. Sendo um estudo de caso e objetivando gerar novos conhecimentos é identificada como de natureza básica. A pesquisa será realizada por meio bibliográfico, fundamentada a partir de materiais já publicados sobre o tema.

A ideia de produção artística final do projeto é montar uma instalação fazendo uma composição referenciando a cultura rastafári, o reggae, a mensagem que Bob Marley estava transmitindo nas canções e toda a energia envolta das raízes africanas. Levando em conta que a criação de uma obra envolve todo o indivíduo, que é desafiado a se mostrar aos outros sob essa forma máxima de entrega de si mesmo à sua produção. Eu acredito que toda produção artística é feita a partir de elementos reais; tanto o caráter emocional quanto o conhecimento e as experiências interferem na relação entre a ideia e a concretização de uma produção, pois as experiências interferem no sentimento, logo, se materializando na produção artística.

Os materiais utilizados para a montagem são: uma bandeira nas cores vermelho, amarelo e verde, as cores da bandeira da África e cores símbolos do movimento rastafári, sendo que a cor vermelha que simboliza o sangue é colocado para cima e o verde que simboliza a vegetação e a terra fica em baixo, ou seja, o sangue não derramado sobre a terra. Ficam suspensos *dreadlocks* feitos de tranças emaranhadas de lã materializando a simbologia das raízes a partir do costumes de não cortar e não pentear os cabelos dos rastafáris, de modo que os *dreads* podem balançar rementendo ao modo como Bob Marley jogava seus cabelos de um lado para o outro. Eles estão colocados 1 metro e meio à frente da bandeira, criando um ambiente no qual a pessoa pode 'entrar' ou 'atravessar' a partir das

tranças. Sobre a bandeira estão coladas frases com as mensagens das letras de músicas de Bob Marley, escritas à mão em papel cartão nas cores vermelho, amarelo e verde. A instalação também conta com som ambiente, tocando os principais hinos de luta, posicionamento social e emoção da carreira de Bob Marley. À direita, ainda sobre a bandeira tem um quadro sobreposto pelo nome 'Hailé Sellasié- Jah Ras tafari'. Em uma pequena bancada, à esquerda da bandeira foram colocadas fotos de Bob Marley em momentos diversos.

A intenção é que a pessoa ao permear a instalação sinta a presença africana no ambiente e ao mesmo tempo entenda realmente um pouco o que é a cultura rastafári e qual é a mensagem que ela passa e que foi disseminada por Bob Marley através do *reggae*. Eu acredito que as cores rasta sustentam o peso do que é a busca pela libertação da raça negra e que as composições de Bob Marley também carregam essa força de luta, juntamente com os *dreads*, que simbolizam a ligação com as origens e as raízes. O trabalho intitula-se 'Atravessar'.

Figura 08 - Atravessar



Fonte: Acervo pessoal

Figura 09 - Atravessar



Fonte: Acervo pessoal

10. CONCLUSÃO

Ao passar do tempo, o sujeito vem passando por um processo de ressignificação de suas culturas, no qual essas culturas estão em constante processo de transformação, questão que se torna objeto de pesquisa e questionamento no meio cultural. Ter uma identidade cultural é estar em contato com essa multiplicidade de elementos de diversas origens, costumes e ideais entrelaçados se tornando características de uma nova cultura.

Cada nova cultura tem sua importância; segundo Hall (2006), a cultura depende de um conhecimento da tradição, essa tradição que está em constante mutação e que vai significando a história, nos produzindo a cada instante como novos tipos de sujeitos. Segundo o autor, nossas identidades culturais estão sempre à nossa frente pois estamos sempre em processo de formação cultural, esse processo de se tornar algo.

Bob Marley mergulhou de cabeça na luta contra a opressão do povo negro, na luta pela liberdade, pela paz e pelo amor. Ele mergulhou tão profundamente e com tanta convicção que ele acabou por se reinventar, emergindo como símbolo e personificação do povo, isso foi o que Bob Marley se tornou, a Jamaica; disseminando a mensagem profética rastafári mundo a fora.

Durante todo o meu percurso dentro do curso de artes visuais bacharelado, fui modificando meu olhar em relação as coisas do mundo e principalmente em relação ao outro, me fazendo perceber que cada pessoa é singular e maravilhosa na sua individualidade, isso me fez aprender respeitar as diferenças e entender a identidade do sujeito como uma das reações dos processos sociais.

Mas o que essa pesquisa me proporcionou foi enxergar todo um continente com outros olhos, me fez enxergar com olhos mais curiosos e atentos a história de luta e libertação do povo negro, que se perdura até hoje. Além de me fazer carregar a convicção de que se deve defender aquilo que se acredita.

Com essa pesquisa, acredito ter chegado ao ponto esperado; resgatando os contextos históricos e acompanhando as mudanças que vêm modificando aos poucos as tradições, mais o modo como se propagou a mensagem de amor ao mundo; deixando claro as questões à cerca do tema escolhido, com uma escrita clara e objetiva.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, CR. **Identidade e Etnia**. S. Paulo, Ed. Brasiliense, 1986.

BRASIL. Lei Nº 12.630, de 11 de maio de 2012.

BURNETT, David. Bob Marley; apresentação de Chris Salewicz; introdução de Chris Murray; tradução Lucas Portela. São Paulo: Madras, 2014. 158 p.

CARDOSO, Marco Antônio. **Bob Marley: por ele mesmo**. São Paulo: Martin Claret, 2011. 176 p.

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica ontem e hoje**. 3 ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990. 184 p.

HABERMAS, J. **Struggles for Recognition in the Democratic Constitutional state**. In: GUTMAN, A. (Ed.) *Multiculturalism*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

HALL, Stuart; SOVIK, Liv. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. 410 p.

a- MARLEY, Bob. **Redemption song**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bob-marley/24572/>. Acessado em maio de 2016.

b- MARLEY, Bob. **Zimbabwe**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bob-marley/67243/traducao.html>. Acessado em maio de 2016.

c- MARLEY, Bob. **Positive Vibration**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bob-marley/24578/>. Acessado em maio de 2016.

d- MARLEY, Bob. **War**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bob-marley/24571/>. Acessado em maio de 2016.

e- MARLEY, Bob. **Get up, Stand up**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bob-marley/24581/>. Acessado em maio de 2016.

f- MARLEY, Bob. **Three Little Birds**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bob-marley/1447660/>. Acessado em maio de 2016.

g- MARLEY, Bob. **Jamming**. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/bob-marley/448482/>. Acessado em maio de 2016.

MARLEY, Bob. depoimento [1975] São Paulo: Martin Claret. Entrevista concedida à Fikisha Cumbo.

MARLEY, Bob. **O futuro é o começo**; introdução de Cedella Marley; organizado por Gerald Hausman; tradução Carolina Mesquita. Rio de Janeiro: Bestseller, 2013. 109 p.

MARLEY, Rita; JONES, Hettie. **No woman no cry: minha vida com Bob Marley**; tradução Daniel Pellizzari. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004. 238 p.

MERLEAU-PONTY, Maurice; CHAUI, Marilena de Sousa. **Textos selecionados**. São Paulo: Ed. Abril Cultural, 1980. 260 p. (Os pensadores: história das grandes idéias do mundo ocidental)

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2000. 271p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 23.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

NELSON, Patrick, **Freedom Road, 65 anos sem Bob Marley** - documentário Multishow, 54 min. 2012). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7iB7yJMeomk>
Acessado em maio de 2016.

PEREIRA, João A. Frayze. Periódicos Eletrônicos em Psicologia. Versão On-line ISSN 1678-5177. pSICOL.usp V.5 n.1-2 São Paulo 1994. Disponível http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-51771994000100002
Acessado em 25 abril 2016.

REY, Sandra. **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed.Universidade/ UFRGS, 2002.